



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LILIANE APARECIDA FREITAS LINS

**GORDOFOBIA NA OBRA A PEQUENA SEREIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA
SOBRE O CORPO GORDO DA PERSONAGEM ÚRSULA**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

LILIANE APARECIDA FREITAS LINS

**GORDOFOBIA NA OBRA A PEQUENA SEREIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA
SOBRE O CORPO GORDO DA PERSONAGEM ÚRSULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural

Orientadora: Prof. Dra. Ofélia Maria de Barros.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L759g Lins, Liliâne Aparecida Freitas.
Gordofobia na obra A pequena sereia [manuscrito] : uma análise histórica sobre o corpo gordo da personagem Ursula / Liliâne Aparecida Freitas Lins. - 2021.
24 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ofélia Maria de Barros ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Gordofobia. 2. Desenho animado. 3. Feminismo. 4.
História do corpo. I. Título

21. ed. CDD 907.2

LILIANE APARECIDA FREITAS LINS

**GORDOFOBIA NA OBRA A PEQUENA SEREIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA
SOBRE O CORPO GORDO DA PERSONAGEM ÚRSULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural

Aprovada em: 19/ 10/ 2021.

BANCA EXAMINADORA

Ofélia Maria de Barros

Prof. Dra. Ofélia Maria de Barros (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Alcione Ferreira da Silva

Profa. Me. Alcione Ferreira da Silva (examinadora externa)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cibelle Jovem Leal

Profa. Me. Cibelle Jovem Leal
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais Luana e José Adeilson, aos meus irmãos Pedro Gabriel e Luan, a minha tia e madrinha Maria do Socorro, a Vera e a Diego pois foram minha estabilidade nos momentos difíceis, e a todos os meus familiares que de alguma maneira foram importantes em minha trajetória acadêmica e de vida.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Úrsula, a Bruxa do Mar	15
Figura 2 – Ariel e Úrsula	17
Figura 3 – Úrsula e a drag queen Divine	20
Figura 4 – Pat Carrol, Úrsula e Zezé Motta.....	20
Figura 5 – Úrsula, Pedro e Juca	21

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PROBLEMATIZAÇÃO DA GORDOFOBIA E A EMERGÊNCIA DO CONCEITO .	11
3 ÚRSULA E A BRUXA DO MAR: DA LITERATURA AO DESENHO ANIMADO ..	14
3.1 Úrsula como uma inspiração subversiva: da cultura queen ao desenho animado .	19
4 CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS.....	24

GORDOFOBIA NA OBRA A PEQUENA SEREIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE O CORPO GORDO DA PERSONAGEM ÚRSULA

Liliane Aparecida Freitas Lins*
Ofélia Maria de Barros**

RESUMO

A gordofobia é um preconceito histórico vivido principalmente por mulheres gordas que não tem seus corpos representados por personagens literárias e/ou em meio as mídias audiovisuais, tal como o cinema. O presente trabalho busca realizar uma análise histórico - documental sobre o corpo gordo da personagem Úrsula, inicialmente conhecida como a Feiticeira do Mar, personagem apresentada ao público no conto infantil “A Sereiazinha” (1837) escrita por Hans Christian Andersen e posteriormente desenvolvida e desenhada para vivenciar a antagonista, presente no filme de animação “A Pequena Sereia” (1989) da empresa *The Walt Disney*. Tendo em vista que tanto o corpo de mulheres gordas, assim como o desenho animado ainda são fontes históricas pouco utilizadas em meio as pesquisas acadêmicas se buscou como objetivo geral discutir ambos os temas possuindo como objeto de análise o corpo de Úrsula, uma mulher cheia de estereótipos, de tal maneira que os objetivos específicos foram pontuados em torno de duas questões centrais: a) problematizar e discutir o conceito de gordofobia; b) investigar a construção da personagem Úrsula, e sua transição da literatura infantil para o desenho animado. Foram utilizados como base para o referencial-teórico Georges Vigarello (2012), Michael Foucault (2014), Denise Sant’anna (2016), Djamila Ribeiro (2019) e Carla Akotirene (2019). A partir do estudo foram identificados como resultados da pesquisa, uma depreciação sofrida pelo corpo gordo feminino dentro dos desenhos animados (quando existem tais personagens) e um apagamento de personagens gordas em papéis de destaque, o que fomenta uma ideia pelo senso comum de que mulheres gordas não são capazes de conviver em sintonia com a sociedade cisheteronormativa.

Palavras chave: Gordofobia. Desenhos animados. Feminismo gordo. História do corpo.

FATPHOBIA IN THE WORK THE LITTLE MERMAID: A HISTORICAL ANALYSIS OF THE FAT BODY OF THE CHARACTER ÚRSULA

ABSTRACT

Fatphobia is a historical prejudice lived mainly by fat women who do not have their bodies represented by literary characters and/or in the midst of audiovisual media, such as cinema. The present work seeks to accomplish a historical - documentary analysis of the fat body of the character Úrsula, based on Feiticeira do Mar, a character and villain presented to the public in the children's tale "A Sereiazinha" (1837) written

* Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: liaflins@gmail.com

** Professora doutora titular do departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: ofeliabarros@servidor.uepb.edu.br

by Hans Christian Andersen, and which was later developed and designed to experience the antagonist, present in the animated film “The Little Mermaid” (1989) by The Walt Disney company. Considering that both the body of fat women, as well as the cartoon are still historical sources little used in the midst of academic research, the general objective was to discuss both themes having as object of analysis the fat body of Úrsula, a woman loaded of negative stereotypes, in such a way that the specific objectives were listed around two central questions: a) problematize and discuss the concept of fatphobia; b) investigate the construction of the character Ursula, and her transition from children's literature to cartoons. They were used as a basis for the theoretical framework Georges Vigarello (2012), Michael Foucault (2014), Denise Sant'anna (2016), Djamila Ribeiro (2019) and Carla Akotirene (2019). From the study, it was identified as research results, a depreciation suffered by the fat female body in the cartoons (when there are such characters in audiovisual works) and a deletion of fat characters in prominent roles, which promotes an idea on the part of the common sense that fat women are not able to live in harmony with cisheteronormative society

Keywords: Fatphobia; Cartoons. Fat feminism. History of the body.

1 INTRODUÇÃO

Tem-se notícias de que no ocidente até o século XVI, e em algumas outras sociedades orientais, a existência de mulheres gordas equivalia a saúde, abundância de alimentos e conseqüentemente a geração de filhos saudáveis. Com o passar dos tempos e as mudanças decorrentes no mundo, a ideia de saúde e beleza associados ao corpo feminino também mudou, e nesses novos cenários, ao invés do corpo farto, o corpo magro passou a ser idealizado. A veiculação de uma imagem idealizada da mulher-magra na modernidade ganha destaque entre outros meios na indústria do audiovisual.

Por meio de imagens de mulheres magras as meninas são bombardeadas, desde a infância com estereótipos de beleza, onde o conceito de “belo” e “bom” são quase que equivalentes, ideal que remete em muito as histórias infantis dos contos de fadas, pois eram elas quem ditavam/ditam para as crianças quais comportamentos devem ser seguidos.

Os contos de fadas frequentemente trazem entre seus personagens, jovens órfãs, pobres, mas que possuem uma grande beleza e altruísmo, por esses atributos são penalizadas a sofrerem até o dia em que um jovem príncipe as resgatará da infeliz destino. Do outro lado, se encontram as vilãs em cuja trama reside uma bruxa, sempre má, feia e velha.

A imagem da bruxa remete ao contexto europeu do século XII, cujo imaginário e literatura representavam essas personagens como velhas senhoras, decrepitas e más, cuja condição alimentada pela inveja, buscavam a juventude infringindo maldade a essas belas e desprotegidas jovens. Essa imagem construiu muito da bruxa das histórias infantis transmitidas originariamente pela oralidade e a tradição das comunidades camponesas, depois tornada literatura e por fim, recontadas através do cinema e animações audiovisuais.

No presente século XXI, ocorre a releitura dos contos infantis, e essas personagens, “mocinhas” e “vilãs” são problematizadas e deslocadas desses lugares binários e dicotômicos. E assim, convencionais bruxas más, e jovens desprotegidas e boazinhas, podem ser entendidas como mulheres poderosas, e com outros atributos além da bondade e da maldade.

A bruxa, no entanto, tem sua imagem construída e canonizada através dos contos infantis, como uma velha senhora feia, de cabelos desgrenhados, pele enrugada, um nariz pontudo, rosto repleto de verrugas; sempre como uma vilã nas histórias infantis. Essa personagem tem a função de causar medo nas crianças que escutam e aprendem com as histórias, de modo que aprendam sobre as regras de convivência em sociedade.

A vilã do conto de fadas “A pequena Sereia” escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen em 1837 e animado pelo estúdio Walt Disney no ano de 1989, inicialmente era conhecida como Feiticeira do Mar. Na história infantil, a participação da feiticeira tem início no conto quando a Sereiazinha vai ao seu encontro, é nesse momento em que o ouvinte/leitor tem conhecimento da vilã. Ela é retratada apenas como uma figura que vive longe de outras sereias, morando em um local sujo e em um ponto profundo do oceano, trabalhando para realizar desejos em troca de algo que ela almeje, ficando por conta da imaginação do leitor visualizar sua imagem corporal.

Em contrapartida no desenho animado da Disney que retrata a história, a personagem recebe um nome, Úrsula e ganha uma imagem corporal extremamente marcada, passando a ser representada como uma mulher gorda. Justamente no desenho animado sua personalidade é mais desenvolvida durante o desenrolar da trama, a mostrando como uma mulher sádica, irônica, sedutora e orgulhosa, ela inclusive tem maior participação dentro da história se comparada com a Feiticeira do conto infantil. O fato de Úrsula auxiliar a princesa Ariel, a Pequena Sereia, a se tornar humana tem relação direta com o desejo da vilã de conquistar poder e ter domínio sobre o reino subaquático e fictício de Atlântida.

Tal como os contos de fadas, os desenhos animados também criam um universo mágico para as crianças, em especial para as meninas, esse apelo se torna mais forte pois ali elas são as heroínas e princesas das histórias, podendo assumir o papel que a sociedade espera delas. O padrão dessas narrativas, no entanto, tem sido sempre os mesmos, as vilãs são feias, infelizes e perversas, sendo motivadas a praticarem atos de maldade por prazer, porém ao final são sempre repreendidas, vivendo em um ostracismo social.

Meninas e mulheres gordas são vistas como essa vilã dos contos infantis, Úrsula representa o preconceito vivenciado por essas mulheres na vida real. Quando ela é expulsa da corte real, no reino fictício de Atlântida, o motivo principal é a sua aparência que não se assemelha ao das outras sereias e tritões que lá vivem, com corpos magros e alta estatura. Úrsula foi escolhida como objeto de estudo para a pesquisa por trazer esse apelo presente na cultura pop¹ que permeia desde a infância e que diz que mulheres de corpos gordos não devem ter uma qualidade de vida, seus corpos não são viabilizados, sendo encarados como uma desvantagem para a sociedade. A personagem é a principal imagem que vem à mente quando se pensa em uma mulher de corpo gordo em desenhos animado, ela tem um destaque maior, pois sua personalidade é definida enquanto em outras obras não há uma atuação forte e um desenvolvimento marcado sobre o campo emocional e psicológico das personagens obesas, Úrsula mostra desde o momento em que aparece no filme “A

¹ Movimento artístico que surge nos anos 1960. Inicialmente buscava dialogar com a arte erudita e ao mesmo tempo difundir cultura para as classes populares, principalmente a parcela jovem da população. A cultura pop a partir dos anos 1990 representa mais um consumo de capital do que um modo para se viver, ou seja, ele é a arte dialogando com o capitalismo, in Kobayashi, E. O que é cultura pop. Nova Escola, 01 jul. 2009. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1528/o-que-e-cultura-pop> > Acesso em 20 jul. 2021.

Pequena Sereia” (1989) que tem a própria autoestima elevada, tendo conhecimento de que seu corpo não é um problema, embora tentem mostrar algo diferente sobre ela.

Além de ser um ícone de vilã infantil, Úrsula foi escolhida por trazer à tona tudo aquilo que fui ensinada a renegar enquanto criança e mulher gorda que fui e ainda sou, ao me deparar com essa personagem e entender seu olhar sobre o próprio corpo tomei um susto, pois ela estava passando a mensagem (embora nas entrelinhas da história) de que meninas e mulheres obesas não precisam esconder seus corpos, ter vergonha ou odiá-los, tudo o que me foi ensinado durante minha vida. Pessoas gordas carregam traumas que envolvem seus corpos, principalmente um empasse entre odiar a própria imagem e se mutilar por isso, como amar esse corpo, ele que traz prazer a quem o vivencia.

O presente trabalho tem relevância acadêmica e social por se tratar de uma temática ainda não trabalhada propriamente pela historiografia, já que visa demonstrar que o corpo gordo feminino é apagado quase que por completo no cinema de animação, possuindo apenas representações estereotipadas que traduzem o corpo gordo como um sinônimo de feiura, lentidão e solidão.

A partir das questões aqui expostas objetivou-se discutir o corpo gordo feminino e sua representação no desenho animado “A pequena Sereia” (1989), destinado ao público infantil, através da análise da personagem Úrsula.

Como objetivos específicos para discutir o tema pontuamos duas questões centrais, que são elas: a) problematizar e discutir o conceito de gordofobia; b) discutir a construção da personagem Úrsula, e sua transição da literatura infantil para o desenho animado.

As abordagens utilizadas para pesquisar o tema foram a qualitativa e documental através dos desenhos animados. Para realizar a identificação acerca do corpo gordo na mídia de animação foi adotado a revisão de uma literatura voltada ao tema e a análise fílmica sobre as animações da empresa Walt Disney. Após esse levantamento, destacamos a personagem Úrsula, a vilã presente no filme “A Pequena Sereia” (1989). Úrsula se torna importante para a pesquisa justamente pois ao se pensar em uma figura de mulher gorda dentro de desenhos animados, ela é a primeira a ser lembrada, principalmente por ser uma personagem memorável com traços marcantes como o corpo e a personalidade cheia de um humor ácido, característica que remete ao universo das *drag queen*², movimento que inspirou o desenvolvimento da imagem e personalidade de Úrsula.

Os levantamentos bibliográfico e documental foram realizados no período de janeiro de 2020 a maio de 2021. Os critérios de inclusão para os textos foram aqueles que estavam vinculados a historiografia ou que se aproximassem da temática, já que o corpo gordo e os desenhos animados são trabalhados de maneira mais recorrente em grandes áreas como a psicologia, com Joana de Vilhena Novaes que trata sobre o corpo gordo e a gordofobia, as ciências sociais com David Le Breton que trabalha em suas obras sobre a sociologia do corpo em meio social. Na área de educação há inúmeros artigos científicos que trabalham a temática dos desenhos animados e quais os impactos que ele tem sobre o desenvolvimento infantil. Após o processo de identificação e seleção dos textos, foi o momento de analisar o filme “A Pequena Sereia” (1989) e compara-lo com outros filmes da empresa para que pudesse se encontrar mais personagens que apresentassem o corpo gordo, foi compreendido que além de Úrsula que é uma vilã, existem mais três personagens femininas na Disney

² Termo utilizado para definir o transformismo vivenciado em palco por um homem, gay ou não, que representa uma personagem mulher por meio de roupas e maquiagem características.

que são representantes do corpo gordo, sendo elas a Rainha Vermelha, da animação “Alice no País das Maravilhas” (1951) personagem que também é caracterizada como má e a antagonista do longa animado; Vovó Tala, do filme em animação “Moana: Um mar de aventuras” (2016) e por último Abuelita, apresentada no filme animado “Viva: A vida é uma Festa” (2017), nesses dois últimos caso elas representam as figuras bondosas de seus filmes. O corpo idoso carrega alguns estigmas tal como a ideia de que toda idosa é frágil e bondosa, assim como também se imagina que com a velhice o corpo tende a se tornar gordo.

Os historiadores que trabalham sobre o corpo gordo, foram Georges Vigarello (2012) com seu *“As metamorfoses do gordo: História da obesidade”* e Denise Sant’Anna (2016) com *“Gordos, Magros e Obesos: Uma história do peso no Brasil”*, nas obras não há uma delimitação sobre os corpos apresentados, sendo feita uma história da gordura que está vinculada tanto ao gênero feminino como o masculino, o que difere da proposta aqui apresentada que lida apenas com o gênero feminino. A temática sobre o cinema de animação como uma fonte histórica fica à cargo de Andréa Colin Vasconcellos (2014) com seu TCC intitulado *“Era uma vez... As mulheres na própria História: Representações do feminino através dos desenhos Disney.”* Também foram utilizados texto dos campos de saber das Ciências Sociais e a da Filosofia, onde por meio do texto do filósofo Michael Foucault (2014) *“Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão”* será tratado sobre a questão dos adestramentos dos corpos. Também serão utilizados a obra *“Lugar de Fala”* da também filósofa Djamila Ribeiro (2019) e *“Interseccionalidade”* texto escrito pela assistente social Carla Akotirene (2019), nesses dois últimos casos os textos serviram de aporte para a discussão sobre a descolonização sobre o discurso de que um corpo perfeito aquele de padrões eurocêntricos, ou seja, branco, hétero, cisgênero e magro.

A pesquisa não pretende esgotar a discussão, mas apresentar uma crítica inicial sobre o fato de corpos femininos gordos não serem vistos como capazes e dignos de estarem em papéis de destaque. Também não significa que a pesquisa enalteça distúrbios alimentares, mas sim demonstrar que mulheres gordas podem ser consideradas símbolos de beleza e saúde, e o desenho animado como uma das primeiras portas de ensino para crianças deve trazer uma diversidade de personalidade e biotipos que até o ano de 2021 ainda não são encontrados. A solidão da mulher gorda existe, ocasionando distúrbios emocionais que podem resultar em suicídio, ainda assim pouquíssimo se fala, o torna uma possibilidade por parte da historiografia dar lugar a uma história que fale sobre a gordofobia e seus mecanismos de adestramento social.

O trabalho foi dividido em duas partes, na primeira tratamos o corpo gordo na história e sua transição de símbolo de riqueza e opulência para sinônimo de fracasso, desleixo e doença, através da gordofobia, preconceito que se torna formulado a partir do discurso eurocêntrico e médico - sanitário que caracteriza o corpo gordo como um sinal de doença e desvantagem se comparado a outros perfis de corpos tal como os magros.

Na segunda parte, discutiremos acerca da construção da personagem Úrsula enquanto uma bruxa má, desde o conto infantil de “A Pequena Sereia”, na literatura de Hans Christian Andersen até o filme de animação de mesmo nome produzido e distribuído pelo estúdio *The Walt Disney*, trazendo luz ao seu corpo gordo e como ele é encarado como desfigurado e vilanesco, características que traduzem para o público infantil um ideal de que a pessoa gorda possui um corpo mau.

Embora o trabalho apresente uma certa brevidade, o tema ainda é pouco trabalhado pela historiografia o que torna difícil encontrar fontes audiovisuais, assim

como uma literatura mais ampla sobre o assunto. A pesquisa aqui apresentada, seja a qualitativa como a documental sinalizam uma ideia inicial para estudar a gordofobia feminino presente em produtos infantojuvenis através do campo historiográfico da história cultural.

2 PROBLEMATIZAÇÃO DA GORDOFOBIA E A EMERGÊNCIA DO CONCEITO

Segundo o historiador Georges Vigarello (2012), durante o século XVIII se acreditava que os gordos eram aqueles que tiravam o sustento de pessoas pobres, o que remetia a uma inutilidade dos gordos para a sociedade, já que eram figuras ricas, então Úrsula é representada como essa personagem, que tira as riquezas pessoais de outras pessoas em prol de seus desejos e caprichos. Podemos considerar que o público infantil de meninas que assistem essa animação não desejaria ter qualquer semelhança com essa personagem, que além de ser descrita como má, ela também é feia e deselegante.

Desde a infância, as mulheres são apresentadas a modelos de um padrão corporal e comportamental impossíveis de serem alcançados, o que torna a representatividade impossível de ser visualizada, e os desenhos animados da Disney são um forte exemplo desse modelo, as mocinhas representadas são sempre magras, possuem um vasto cabelo liso e embora a premissa inicial dessas personagens seja lutar por seus sonhos, geralmente objetivam um casamento ideal. Nesse sentido, a construção de identidades afirmativas para meninas gordas se torna inexistente, uma vez que elas não são representadas como um ideal de corpo ou personagens que podem conquistar seus ideais de vida, essa falta de um símbolo de mulher gorda empoderada transpassa a infância chegando até a fase adulta, onde essas mulheres sentem cada vez mais dificuldades em aceitar seus corpos.

A gordofobia é o nome dado atualmente às práticas que caracterizam o preconceito e aversão a corpos gordos. O termo passou a ser empregado após as duas primeiras ondas do feminismo, quando as mulheres da elite buscavam liberdade para seus corpos.

A partir do final do século XIX e início do século XX há uma busca para que os corpos não possuam uma gordura excedente. Segundo o historiador Georges Vigarello (2012) a partir da segunda metade do século XIX as silhuetas começam a afinar e uma busca constante para o tratamento da obesidade tem início, a medicina ganha agora mais força em seu discurso de que os corpos ágeis são o futuro. E assim, entre as décadas de 1920 e 1930, o emagrecimento começa a ser incentivado no meio popular, tanto dos ricos quanto para os pobres, apesar de ainda não ter restrições tão acentuadas sobre os corpos como a partir do final dos anos 1990 e início de 2000.

Até o final dos anos 1930 os corpos gordos foram sinônimos de riqueza e fartura, porém a historiadora Denise Sant'Anna (2016) relata que essa ideia vai mudar, principalmente com a utilização do índice de massa corporal, conhecido por IMC, método criado no final do século XIX por um matemático e astrônomo belga Adolphe Quételet; segundo consta, ele não buscava calcular os índices de gordura, mas sim a taxa de crescimento em crianças de uma determinada aldeia.

Foi apenas na década de 1970 que o IMC foi nomeado, graças ao cientista Ancel Keys, que estudava os efeitos da dieta na saúde. Já na década de 1990 a utilização do IMC se torna extremamente difundida dentro do campo médico para caracterizar se uma pessoa estava subnutrida, dentro de um peso ideal, com sobrepeso, obesa ou obesa mórbida.

Ser gordo passa a não combinar com a velocidade do mundo moderno e pós-moderno, é exigido que os corpos procurem estar em movimento constante, para que se tornem magros e assim, segundo o senso estabelecido, belos. Todavia tal como a gordofobia trata com repulsa o corpo gordo, surge em contrapartida o ativismo gordo, principalmente com o aprimoramento, o desenvolvimento e um maior uso das redes sociais a partir do ano de 2010, onde por meio de trabalhos em ambiente online os indivíduos podem interagir com outras pessoas, o que origina grupos que podem criar expressões populares e de resistência contra o padrão corporal estabelecido.

O ideal de que o corpo mais bonito é o magro nasce na Grécia Antiga. Para os gregos o corpo era uma indicação da criatividade dos deuses, e deveria ser adestrado, cultivado e mostrado a população, o corpo assim tinha entre suas atribuições ser glorificado (Barbosa; Costa, 2011, p.25). Essa ideia pré-concebida pelos antigos é resgata pela sociedade moderna desde o final do século XIX e move atualmente a maneira como os indivíduos se portam. Com uma maior exposição dos corpos, principalmente por meio das redes sociais, pessoas ao redor do mundo buscam “cultivar” seus corpos, transformando-os, por meio de horas exaustivas em academias, dietas super balanceadas e quando possível intervenções cirúrgicas, o mundo se torna visual, e no centro dele está o corpo cisheteropatriarcal.

A partir dos anos de 1960, com a saída da mulher para o mundo do trabalho e sua maior liberdade, o movimento feminista passou a lutar com maior afinco para que as mulheres tivessem autonomia sobre seus próprios corpos e fossem emancipadas, não dependendo da tutela de um guardião, normalmente um homem. Contudo também foi durante esse momento em que se começou um movimento para a conquista de uma estética padronizada, com um corpo magro, curvilíneo e alto, que passa a ser considerado o novo arquétipo de beleza feminina, de maneira que as mulheres gordas começavam a ser excluídas incisivamente. A gordofobia se tornava a cada momento mais presente em meio a sociedade, onde “a figura de um obeso inseguro, frágil, com problemas psíquicos tornou-se frequente nas descrições sobre a obesidade.” (Sant’Anna, 2016, p. 114) Essa imagem do gordo doente inclusive foi divulgada massivamente pela mídia, era o momento da mulher se preocupar cada dia mais com sua aparência, combatendo constantemente o corpo flácido e cheio de imperfeições.

Mulheres são ensinadas desde a infância a enxergarem em outras mulheres a figura de competidoras, de modo que é aceitável que exista um julgamento de umas com as outras, principalmente sobre seus corpos (Wolf, 2020). A personagem Úrsula tem seu corpo questionado por incontáveis momentos, justamente por não ser habitual a sua imagem representada em obras audiovisuais, ela é entendida como alguém feia. Quando uma mulher deseja ofender outra, um dos primeiros pontos a ser apontado é a aparência, pois é uma característica que afeta a maioria das mulheres, já que elas não se sentem bem com seus corpos e aparências.

Assim a mulher que é considerada desprovida de uma beleza considerada padrão é vista como uma figura menos feminina. Para Vigarello (2012) a responsabilidade para possuir um corpo perfeito é maior sobre as mulheres, pois dela se espera uma leveza e flexibilidade, há uma cobrança por uma jovialidade imortal, que é distribuída por intermédio de imagens que apresentam corpos irreais.

Quando essas mulheres são bombardeadas desde a infância com a imagem de corpos magros, por meio de desenhos animados ou brinquedos, elas recebem a clara mensagem de que o corpo gordo se trata de uma anomalia. As principais representantes dos corpos aceitos são as princesas da Disney, a boneca Barbie e desde o ano de 2010, as super heroínas tem ganhado um destaque maior com seus

corpos esculturais, nesse sentido, qualquer menina que esteja em divergência com essas imagens magras é instruída a perseguir um corpo que não representa o seu, pois ser gorda significa ser feio ou engraçado, a mensagem é clara não existe lugar na sociedade para esses corpos considerados disformes.

Segundo Foucault (1987) as instituições de poder como hospitais, escola trabalham para que possam corrigir e controlar as atividades dos corpos, porém é possível encontrar esse controle também por meio da mídia de imagens, como revistas, televisão e atualmente por intermédio das redes sociais.

O preconceito contra os corpos gordos não é um sintoma recente em meio a sociedade, mas tem início entre os séculos XIX e XX. É possível considerar que, essa reorganização sobre o valor dos corpos possui três fatores marcantes, o primeiro seria o discurso médico, que ressalta a importância de que uma alimentação regrada e as e a importância das práticas esportivas para a saúde; o segundo ponto seria o desenvolvimento de fábricas e com elas um ritmo de vida mais urbano, marcado pela rapidez.

Vigarello (2012) descreve que com o crescente preconceito pelo corpo gordo, ele passa a ser entendido como “atrasado”, “lento”, um corpo que não está adaptado a um mundo onde ser dinâmico ganha um valor encarado como benéfico a vida. E por fim, o terceiro ponto é o feminismo, que em sua primeira onda³ busca por uma equidade entre os gêneros, já durante a segunda onda, por volta da década de 1960 as mulheres batalham por sua independência financeira e com a chegada da terceira onda, por volta de 1990, ganha mais força a pauta sobre a autonomia das mulheres sobre seus próprios corpos e sexualidade. A partir desse momento os corpos magros e altos ganham um destaque, são eles quem vão marcar o processo de busca por um corpo entendido como perfeito, e aqui nasce uma demarcação entre a “pressão estética” e a “gordofobia”.

Assim é possível realizar uma crítica ao feminismo, mas sem esquecer de sua importante contribuição para a melhora na vida das mulheres, porém há uma divisão entre os assuntos discutidos pelo movimento, e o corpo gordo tende a ser deixado de lado, justamente porque a obesidade é entendida como uma patologia pelas práticas médicas, discussão que a o feminismo, representado por mulheres de elite e heteronormativas acabam deixando de lado dentro da busca por melhorias sociais para esses corpos maiores, ou seja, mulheres gordas não se veem representadas pelo feminismo dentro da terceira onda.

É necessário explicar que todos os corpos, independente do gênero, sofrem a pressão estética, mas nem todo corpo sofre gordofobia, isso porque o primeiro termo se refere a imposição que todo ser humano sofre para vivenciar o corpo padrão, embora todos sofram com essa pressão, mulheres são os alvos principais dessa coerção. Já a gordofobia representa uma rejeição pelo corpo gordo, ou seja, “a gordofobia refere-se às ações de discriminação de exclusão social e até mesmo de violência, tendo como pivô o peso do indivíduo.” (Souza e Gonçalves, 2021, p. 6). A mulher gorda sofre discriminação por um discurso que é obcecado pela saúde, que dá legitimidade ao corpo magro como bom.

Dessa maneira o medo de engordar começou a ganhar espaço na sociedade moderna, para a medicina o corpo gordo foi entendido como um sinal de pandemia e a obesidade um alerta de doença, presente principalmente em meio as classes média

³ Fala-se em quatro “ondas feministas”, elas dizem respeito a determinados momentos históricos em que há uma efervescência militante ou acadêmica na luta por pautas e questões importantes para as mulheres levando a um debate e a busca por direitos negados à elas.

e popular, se torna imprescindível que agora o corpo seja disciplinado, já que assim ele se torna eficiente frente às suas atividades diárias (Foucault, 1987).

Há um controle sobre os corpos, exercido principalmente por intermédio do olhar alheio, ele que é direcionado principalmente contra as mulheres. É socialmente aceito esse julgamento que fiscaliza minuciosamente o “outro”, regulando e determinando os padrões estéticos que são normais ou anormais, “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (Foucault, 1987, p. 195). Através da medicina há uma legitimação e um entendimento de que o corpo gordo é doente e também um “objeto” de avaliação pública, pois o peso corporal se tornou desde a década de 1930 significante de saúde e beleza, “os mais cheios de corpo se viram pressionados com a exigência de combater os ‘quilos a mais’. Parecia que agora mais do que no passado, a imagem da gordura combinava com a amargura, o atraso e a velhice.” (Sant’Anna, 2016, p.94).

Embora exista uma cobrança sobre os corpos masculinos e femininos, sempre é a mulher aquela que mais sofre, pois dela são cobrados incontáveis características como a beleza, a leveza, a magreza e a juventude durante toda a sua vida, um exemplo são as representações dos homens dentro das animações, não há um padrão fixo sobre seus corpos e idades, já para as mulheres é diferente, de maneira que as personagens são sempre representadas como meninas jovens, com faixa etária entre 14 e 18 anos. Caso as mulheres não se encaixem nesse ideal de beleza e juventude, ocorre um tipo de ostracismo contra a figura feminina, seu corpo se torna alvo de ridicularização perante a sociedade, principalmente se esse corpo for gordo, de modo que ela sofrerá além da pressão estética, com a gordofobia, ocasionando em direitos que lhe são negados, como o uso de roupas que lhe agradem, idas comuns a uma clínica médica ou mesmo a vaga que é negada, tudo pelo preconceito contra o corpo gordo.

3 ÚRSULA E A BRUXA DO MAR: DA LITERATURA AO DESENHO ANIMADO

Os desenhos animados são um reflexo e uma representação do momento histórico em que são produzidos, assim como os contos de fada, uma das funções dessas animações é a de formar o pensamento e o comportamento das crianças que o assistem. Por serem uma ferramenta audiovisual, a imagem em movimentos se torna um artifício que seduz a quem observa. Para as meninas que tem acesso as animações, a figura da princesa traz um forte simbolismo, pois são elas que representam conceitos como o “bem”, a “beleza”, a “felicidade”, é a princesa que ao fim vão ter seu “felizes para sempre”, enquanto que a figura da bruxa remete a vilã que é “feia”, “má” e que ao fim da história será derrotada, esse é um dos principais roteiros do estúdio de animação *The Walt Disney*. O estúdio não busca por inovar ao representar suas personagens, de modo que o corpo mais representado pelas ilustrações é o magro. Personagens gordas são raras e possuem uma presença pequena dentro das produções cinematográficas, entretanto a primeira personagem a ser lembrada quando se fala nesse perfil corporal é o da bruxa Úrsula.

A função das bruxas é a de assustar as crianças ao lerem/assistirem as histórias infantis, e esse medo é canonizado, pois elas tem suas imagens representadas de maneira desfiguradas, com os cabelos desgrenhados e sujos,

corpos desfigurados, a idealização de Úrsula como uma mulher velha e de corpo gordo passa a mensagem para as meninas que assistem que ser gorda é feio, que traz infelicidade, é necessário que aquela criança que vivencia a história entenda, segundo a lógica cisheteropatriarcal, que seu corpo deve ser diferente do da bruxa, ou seja, ele deve ser esbelto.

A personagem Úrsula tem sua primeira aparição no filme em desenho animado “A Pequena Sereia” (1989) da *The Walt Disney*, ela é uma vilã baseada na Feiticeira do Mar, a antagonista no conto infantil “A sereiazinha” de 1837, escrito pelo dinamarquês Hans Christian Andersen. Conhecida como “A Bruxa do Mar”, Úrsula é representada na história animada como uma *cecaelia*⁴, sendo a única de sua espécie, característica que a destaca aos olhos de quem observa a personagem, já que ela é diferente fisicamente de todos os outros personagens marinhos do desenho animado. Enquanto vilã, a personagem é excluída do convívio social do reino submarino de Atlântida, vivendo para criar maneiras de fazer algum tipo de mal aos outros seres marinhos a fim de ganhar algum proveito a partir do sofrimento daqueles que ela mesma chama de “pobres almas infelizes”.

Em ambas as histórias, a personagem da Pequena Sereia vai ao encontro da bruxa para que ela possa lhe ajudar a se tornar humana, já que a jovem se apaixonou por um príncipe humano e deseja estar junto dele.

Enquanto no conto a Feiticeira do Mar não tem um papel tão marcante no decorrer da história, pois seu papel principal na trama é o de transformar a jovem sereia em humana, depois ela não aparece mais dentro da narrativa do conto. Com Úrsula a situação é diferente, ela tem sua personalidade e corpo bem definidos na animação durante sua primeira aparição, possibilitando ao observador um sentimento de angústia para quem assiste aquela velha mulher gorda, que possui uma forte presença na trama enquanto personagem feminina. Úrsula carrega diversos estigmas que não são trabalhados diretamente no desenho, se torna importante pontuar e desenvolver alguns questionamentos sobre essa personagem emblemática, que inicialmente aparenta almejar apenas o poder e o controle dos mares, porém ao se conhecer melhor seu passado e motivações se torna possível criar um vínculo com a personagem.

Figura 1 – Úrsula, a Bruxa do Mar



Fonte: Google imagens (2021, com adaptações)

⁴ Se lê Cecília, é um ser mitológico grego, que apresenta tronco de mulher e tentáculos de lula ou polvo. Também são conhecidas por óctuplos sereia.

O termo “bruxa” segundo o dicionário online Michaelis (2021) é denominado como

1. Mulher que, segundo a crença popular, tem o poder de empregar forças sobrenaturais para influenciar ou dominar pessoas por meio de magia, em geral para causar danos ou malefícios; mulher dada a práticas de prever o futuro e fazer sortilégios, feiticeira, sibila.
2. Mulher muito velha e feia, bruaca, jabiraca, megera. (MICHAELIS, 2021)

Em ambas as histórias, é possível encontrar posicionamentos das personagens que confirmam essa definição, enquanto no conto a antagonista é chamada apenas de “Feiticeira do Mar”, no desenho animado Úrsula, também é chamada de “Bruxa do Mar”, sendo ambas as alcunhas relacionadas a figura da bruxa mítica. Outro fato que também é explorado em ambas as obras é que as duas mulheres utilizam seus dons sobrenaturais para influenciar as mocinhas das duas obras. Na história original a feiticeira diz que ajudará a Sereiazinha, embora a encare como uma menina estúpida por querer trocar sua vida submarina por “um par de tocos para andar como um ser humano”, ainda segundo a feiticeira ela prepararia um elixir para a princesa ir em busca do amor do príncipe humano, mas avisou que se a jovem decidisse por esse caminho, aquilo dividiria a cauda de sereia e as transformaria em pernas humanas, porém esse processo seria extremamente doloroso, já que a sensação seria de uma espada afiada a cortando, e embora todos que avistassem a jovem princesa a encarassem como a mais bela humana do reino, principalmente por seus movimentos graciosos ao andar, cada passo dado traria a sensação de uma faca afiada cortando os pés da moça, a ponto de que eles sangrassem.

A princesa então decide por aceitar o encanto, entretanto a bruxa a alerta que não irá ajuda-la sem que também receba uma recompensa, ou seja, ela exige a voz da jovem sereia, por ser considerada a mais bela em todo o reino subaquático, embora a princesa proteste, ponderando que precisa usar sua voz para conquistar o príncipe, a Feiticeira informa que a princesa deverá se utilizar de sua encantadora figura, seus movimentos graciosos, seu olhar expressivo, pois tudo isso pode fascinar o coração humano. Mesmo sob os protestos da heroína, a bruxa relata que, algo deve ser dado em troca pelo elixir, já que junto dele irá o sangue da própria feiticeira, pois isso que o tornará eficaz.

Já no desenho animado, quando ocorre o encontro entre Úrsula e Ariel, o desenrolar é semelhante ao conto original, porém por se tratar de uma animação infantil do século XX alguns pontos são modificados, aqui a língua da personagem não é cortada, mas sim sua voz é retirada por meio da magia, não há menção de que a princesa sentirá dor ao ser transformada, entretanto nessa versão Úrsula informa que se Ariel não conquistar o príncipe Eric ao pôr do sol do terceiro dia, ela retornará aos mares e será propriedade da bruxa. É possível perceber que em ambos os casos as antagonistas se utilizam dos maiores desejos das heroínas para também obterem algo que desejam.

Foucault ao discutir em *Vigiar e Punir* (1987) o cárcere e papel histórico do corpo na sociedade, afirma que há muito os historiadores dedicam estudos a história do corpo utilizando como embasamento estudos biológicos, porém:

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é,

numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado; o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1987, p. 29)

Figura 2 – Ariel e Úrsula



Fonte: Smithsonian magazine (2019)

Assim o corpo é uma representação política e social de como a sociedade é formada, a ideia de corpo perfeito, ou seja, aquele produtivo, mas também adestrado, está ligada intimamente com fatores sociais em meio a população mundial, quem não se adequa a essa realidade de pensamento vivencia as ações punitivas, que são infligidas por outros.

Para Úrsula sua punição vem em forma de exclusão da corte real, quando Tritão, que é o rei de Atlântida, pai de Ariel e irmão da antagonista, a envia para mares profundos, como uma forma de castigo por não se adequar ao reino e seus conceitos altíssimos de beleza e justiça.

Vigarello (2012) ao tratar sobre o corpo gordo, relata que ele deve estar passivo às transformações mecânicas para que existam melhorias sobre os defeitos, quando esse corpo não se molda frente as necessidades da sociedade, se torna objeto de exclusão, é visto como “mau”, por não buscar pela prática da magreza cultuada na modernidade, o indivíduo gordo é entendido como atrasado e um espécime defasado. A personagem Úrsula, não é uma mulher passiva, ao contrário é alguém que luta por seus sonhos e anseios, embora historicamente mulheres com perfis semelhantes ao da personagem fossem encaradas como transgressoras e megeras.

Como dito anteriormente, a bruxa historicamente remete a uma mulher que é velha e feia, todavia ao se fazer a leitura do conto de Hans Christian Andersen não há um destaque para a aparência física da Feiticeira do mar, mas sim para seu covil⁵, uma vez que na história infantil é relatado que ao buscar pela feiticeira, a Sereiazinha chega a um

[...] grande charco lodoso, onde enormes e corpulentas cobras-d'água ondeavam-se no lamaçal, mostrando seus horrendos ventres amarelo esbranquiçados. No meio do charco havia uma casa construída com os ossos humanos naufragados. Lá estava a feiticeira do mar, deixando um sapo se alimentar na sua boca, assim como as pessoas nutrem às vezes um canário com um torrão de açúcar. Ela chamava as asquerosas cobras-d'água de seus pintinhos e deixava-as rastejar sobre seu peito. (ANDERSEN, 2021, p.n)

Aqui o local de morada da personagem é que representa sua condição decadente e deplorável; seus atributos desqualificantes não estão associados à sua aparência física, embora esteja subentendido que também se trata de uma mulher fora dos padrões. Os únicos pontos da bruxa que são realmente confirmados por Andersen são sua maléfica risada, que assassina suas cobras-d'água e seus sapos, e seu negro sangue, que ao ser gotejado no caldeirão dá origem a uma fumaça fétida, que mostra horrendas formas tamanha a maldade daquela mulher.

Umberto Eco em seu “História da Feiura” (2007) informa que as bruxas são entendidas como seres diabólicos e capazes de lançar feitiços e encantamentos, sendo uma figura que remota a Antiguidade, ainda segundo ele, o mito da bruxa não nasce levemente, mas é construído a partir das velhas curandeiras que afirmavam conhecer meios de curar o corpo. A bruxa está presente desde a Mesopotâmia, passando pela Grécia, Roma e chegando até a civilização ocidental moderna, embora homens também praticassem magia, foi a perseguição a mulher que deu origem ao fenômeno da caça às bruxas.

Como personagem de imaginários em que as fronteiras entre o real e ficcional estão densamente dissolvidas, a típica malvada dos contos de fadas e de várias histórias infantis traz muitos elementos da bruxa descrita pela Inquisição. Histórica, a bruxa modifica-se dentro das eras, ficando em sua imagem as marcas que a sociedade lhe impôs. Marcas expostas em praças públicas através do espetáculo de seus suplícios e da execução das sentenças mortais que lhe eram imputadas. Pagando por crimes tais como dançar nua sob o luar, a bruxa é marcada pelo despudor e pela degeneração do corpo. (ZORDAN, 2005, p. 332)

A bruxa incomoda por ser ela uma personagem subversiva, indo de encontro ao que é comum para a sociedade, e sua aparência física recai sobre esse ponto, enquanto na história original a Feiticeira é representada por sua habitação, no desenho animado esse local pouca ou nenhuma importância tem para a história, pois é o corpo de Úrsula que impacta ao espectador inicialmente. Ela é introduzida na narrativa como uma mulher visualmente gorda e velha, com sua pele azul acinzentada, característica que representa sua vivência em alguma parte do mar profundo, não emergindo a superfície para receber os raios solares e ter uma pele com alguma pigmentação. Úrsula usa uma roupa negra, que define bem seu corpo quando a personagem se movimenta, terminando em tentáculos. Seu rosto é marcado por uma maquiagem provocativa, onde os olhos são delineados na cor preta e

⁵ Segundo o dicionário online Michaelis o significado de covil é: 1 Cova onde vivem ou se escondem animais em geral, principalmente os ferozes; toca. 2 Abrigo ou refúgio de ladrões e malfeitores; antro. 3 Habitação rústica e pobre; casebre; choça.

pigmentados por uma sombra azul, seus lábios pintados por um vermelho vivo; diferente do imaginário popular que visualiza a bruxa com longos cabelos desgrenhados, Úrsula como uma mulher moderno, tem um cabelo é curto. Embora a personagem tenha seu corpo entendido como símbolo do feio e do desleixo, a Bruxa do Mar tem uma elevada autoestima, se entendendo como alguém que não deveria ser julgada por não esconder quem de fato é. Úrsula é uma personagem que sabe utilizar da sedução e do controle corporal, ela encanta e ao mesmo tempo traduz uma imagem grotesca sobre o corpo feminino, representando mulheres excluídas.

Embora os elementos do covil de Úrsula não sejam tão bem definidos como os da Feiticeira do Mar, a Disney afirmou na história oficial da bruxa que o ambiente “feito a partir dos restos do esqueleto de um monstro marinho horrível e reluzia com uma putrescência estranha.” (Valentino, 2019, p. 52). O que pode ser caracterizado é que em ambos os casos as bruxas residem em locais insalubres e assustadores, longe da civilização, próprio para abrigar mulheres destoantes dos padrões.

3.1 Úrsula como uma inspiração subversiva: da cultura queen ao desenho animado

A personalidade transgressora de Úrsula foi uma escolha do produtor cinematográfico, Howard Ashman, que construiu a personagem a partir de uma *drag queen*⁶ estadunidense de sucesso nos anos de 1980, conhecida por *Divine* que estava no auge de sua carreira ao estrelar o musical *Hairspray* (1988). Segundo Ashman a aparência física e a personalidade da Bruxa do Mar foram inspiradas na caricatura “vilanesca” da *drag queen*, que em seus shows utilizava uma linguagem pesada através do sarcasmo, mas também divertida. Ela buscava romper com padrões de boa conduta impostos pela sociedade heteronormativa, porém como Úrsula seria inserida em um universo destinado ao público infantil muito da sua história foi suavizada em sua performance, ainda assim a Bruxa do Mar carrega muitos simbolismos da cultura *queer*, como a maquiagem extravagante, as longas unhas, sensual. Úrsula, todavia, subverte o seu mundo.

Além de ter sua inspiração em uma *drag queen*, Úrsula é dublada nos Estados Unidos e no Brasil por atrizes que também de alguma forma se tornaram transgressoras. Enquanto a dubladora estadunidense é Pat Carroll, mulher gorda e também comediantes; na versão brasileira a atriz, cantora e militante negra Zezé Motta deu voz a vilã. Ao unir todos os fatores que dão vida a Úrsula é notável como ela carrega simbolismos subversivos, repletos de significados e lutas sociais, tal como a cultura LGBTQIAP+, o corpo gordo e a negritude.

pelo poder que lhe foi tomado na juventude e pela vingança contra aqueles que a deveriam proteger. Úrsula foi oprimida durante toda a sua vida por se orgulhar de quem era, uma mulher gorda, e ainda assim lutou da melhor forma que pode contra um sistema imposto para ela.

Os únicos seres com quem Úrsula demonstra alguma preocupação são seus animais de estimação e também criados, Pedro e Juca, representados no desenho

⁶ “As *drag queens* são uma explícita manifestação da multiplicidade de aspectos que envolvem a identidade humana. Sua relação entre os gêneros se dá de forma ambígua, uma vez que é expressa em suas *performances* e em seu cotidiano, numa relação dinâmica e constante entre masculino e feminino.” (Chidiac, 2004, p. 475)

como duas moreias. São peixes que tem hábitos noturnos e solitários, por possuírem corpo cilíndrico são confundidos com cobras-d'água, apresentam dentes afiados e se alimentarem de uma dieta carnívora, vistos como uma espécie assustadora, principalmente para outros peixes que fogem dessa espécie, características essas que tornam a dupla os mais indicados para estarem ao lado de Úrsula, justamente por que ambos são figuras que também são julgadas por seus corpos e aparências. Eles são aqueles que vigiam o mar para Úrsula, reportando a ela tudo o que acontece, são inclusive eles que conduzem Ariel ao encontro de Úrsula.

Figura 3 – Úrsula e a drag queen Divine



Fonte: Gay Blog Br (2020)

Figura 4 – Pat Carroll, Úrsula e Zezé Motta



Fonte: Google imagens (2021)

Figura 5 – Úrsula, Pedro e Juca



Fonte: Google imagens (2021)

Contos infantis e desenhos animados representam os ideais de cada sociedade, por meio deles as crianças aprendem a lidar com situações cotidianas, como um encontro com um estranho ou como lutarem para obter seus desejos. Em meio a essa mitologia encantada, a criança aprende quais símbolos representam o bem e o mal, e o corpo diz muito sobre esses ideais, corpos saudáveis e vigorosos representam a realização e a bondade, enquanto os vilões apresentam corpos marcados que trazem uma sensação de medo e desconforto.

A Disney é uma empresa que trabalha com a animação de contos infantis, produzindo releituras de histórias de todas as nacionalidades, tais como “A Branca de Neve e os Sete anões”, “Cinderela”, “Aladdin”, “A Bela e a Fera”, “A Pequena Sereia”, entre tantos outros trabalhos. Por meio dessas animações a imaginação pode ser transformada para a criança em algo real, entretanto o mundo fantástico da empresa de animações tende a ressaltar determinadas características cisheteropatriarcais, como branquitude, riqueza, heteronormatividade, e exclui diferenças de gênero, raça e corpo.

Ao analisar as produções Disney, foi possível perceber que há uma escolha por mostrar corpos magros e jovens em seus filmes animados, os tornando uma imagem comum aos olhos do telespectador, nesse caso as crianças, que começam a entender que o perfil de corpo que é bonito é o magro. Enquanto que corpos gordos, como o de Úrsula, são mostrados ao público infantil como “maus”, “feios” e “velhos” como é o caso d’A Rainha Vermelha, presente no filme Alice no País das Maravilhas (1951) representada como uma personagem má e desequilibrada emocionalmente; já personagens como Vovó Tala, do filme Moana: Um mar de aventuras (2016) e Abuelita, presente na animação Viva: A vida é uma Festa (2017) são desenhadas a partir do estereótipos de idosas doces que possuem um corpo gordo devido ao passar dos anos, em ambos os casos elas têm pouca participação por não serem personagens principais das histórias que fazem parte. Embora nesses últimos casos não se trate da figura de bruxas, ainda são mulheres idosas e sem nenhuma conotação de sexualidade, beleza ou rebeldia. Em mais de cinquenta anos de mercado, o estúdio de animação nunca deu voz e lugar para uma personagem gorda viver o papel principal em uma representação de suas histórias.

Ursula é uma das principais figuras entre as vilãs clássicas da Disney, e ao se pensar em um corpo gordo em meio aos desenhos de animação ela é a referência.

Porém a associação entre seu corpo e a sua performance torna-a um antimodelo, uma referência a ser evitada. Como vilã o seu papel pedagógico é dizer “não seja como eu sou”, “veja o que acontece”. Desse universo se reforça a gordofobia, que entre outras coisas desumaniza e gera inúmeros distúrbios e problemas de rejeição entre aqueles cujos corpos são gordos e autoriza a violência, o escarnio e a exclusão desses sujeitos.

4 CONCLUSÃO

Quando decidi falar sobre o corpo da mulher gorda a partir dos desenhos animados, não esperava que fosse uma tarefa tão árdua, principalmente dentro da pesquisa historiográfica. O processo se tornou doloroso e principalmente lento, fosse pela falta de textos acadêmicos ou por meus momentos de revisitar meu próprio passado e me encontrar frente a sentimentos como a vergonha, o medo e a solidão. Escrever sobre um corpo que me representa pode ser entendido como um ato de narcisismo, mesmo que a tentativa seja por explorar e compreender algo que me foi negado desde minha formação enquanto sujeito histórico, mas para além de mim, também houve uma busca para trazer à tona um assunto pouco explorado ainda na historiografia.

Como dito inicialmente no texto, o corpo gordo já foi um sinal de riqueza social e de estabilidade, e no caso das mulheres um indício de que elas poderiam desempenhar bem o papel de esposa e mãe, porém com o passar dos séculos, principalmente entre o XIX e o XX, os corpos gordos vão sendo bombardeados de conotações negativas e pejorativas, representando uma falta de estética e principalmente saúde. “A história do gordo é, antes de mais nada, a história de uma depreciação acusatória e de suas transformações, com suas vertentes culturais e ramificações socialmente marcadas” (Vigarello, 2012, p. 15). Há uma cobrança para que o indivíduo gordo busque mudar, pois ele é entendido como alguém mal e subversivo dentro da sociedade.

Conforme a pesquisa foi sendo realizada, os textos sendo lidos, decidi por utilizar a Úrsula como meu objeto análise, comecei a sentir medo justamente do olhar alheio, e como dito por Grada Kilomba (2019, p. 66) “às vezes, escrever se transforma em medo. Temo escrever, pois mal sei se as palavras que estou usando são minha salvação ou minha desonra. Parece que tudo ao meu redor era, e ainda é colonialismo.” Há uma opressão por parte do olhar colonizador que silencia inúmeras identidades, buscando apaga-las de algum modo, e ao falar contra esse preconceito, que é a gordofobia, institucionalizado e principalmente enraizado no olhar social significa ir contra essa marginalidade onde a mulher gorda está inserida. A escolha por utilizar os desenhos animados como fontes também me causou receio, pois esse recurso audiovisual ainda não é completamente entendido como um registro documental para a historiografia, porém há valor ao utilizar esses filmes de animação para entender sobre os valores sociais repassados as crianças.

No presente trabalho, cujo intuito foi observar a construção do discurso gordofóbico dentro dos desenhos animados e como ele afirma que os corpos de mulheres gordas são entendidos como “feios” ou “maus”, coadunamos com a concepção de que quando uma menina não se sente representada em seus desenhos animados favoritos ou tem seu corpo constantemente julgado como um símbolo negativo, há um início sentimentos de medo, insegurança e angustia nessas jovens

que ao se tornarem adultas não vão se reconhecer enquanto sujeitos que merecem espaços de destaque dentro da vida pessoal e do próprio trabalho.

A gordofobia traz uma ideia de que o corpo gordo é público, ela é um mecanismo de adestramento corporal que se resguarda dentro de um discurso médico em que a pessoa gorda é encarada como alguém doente e que merece cuidado. A mulher gorda sofre constantemente com estigmas por não se encaixar em um padrão de magreza, o que pode resultar em uma solidão originada a partir da exclusão social, que é reafirmada diariamente quando esses corpos não são apresentados dentro do audiovisual, ou quando são, esse corpo sempre é entendido como um papel secundário, como a amiga engraçada, a empregada bondosa, a bruxa má.

A realização da pesquisa não busca encerrar a investigação, assim como também não visa compactuar com distúrbios alimentares que possam ser prejudiciais à saúde, mas o que se buscou entender foi como o corpo gordo deixou de ser um símbolo de riqueza e passou a ser entendido de modo pejorativo, sofrendo descaso. Assim a falta de personagens gordas, ocupando papéis diversos dentro dos desenhos animados reforça um discurso médico ocidental de que esses corpos não devem ser vivenciados. Vale ressaltar que as animações são uma das primeiras formas de aprendizado sobre valores de mundo para as crianças que descobrem o que é certo ou errado na sociedade em que vivem através das atitudes de seus personagens favoritos, quando esses desenhos animados não criam uma diversidade social e de biotipos, a experiência em comunidade pode se tornar prejudicada, e no caso de crianças gordas pode desencadear distúrbios emocionais que serão levados até a vida adulta.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p.
- BEZERRA, Ana Luiza da Silva; BRAGAGLIA, Ana Paula. **Corpos gordos: Uma análise da representação de mulheres gordas no filme "A Pequena Sereia"**. **Temática**, João Pessoa, ano XV, ed. 10, p. 48 - 63, 2019.
- ANDERSEN, Hans Christian. **A Pequena Sereia**. 2021. Tradução pela editora Editora Wish. Disponível em: <https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-completos-e-gratuitos/a-pequena-sereia-hans-christian-andersen-1837>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- BRUXA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bruxa>. Acesso em: 15/09/2021.
- CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 3, n. 9, p. 471-478, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/q3LqRbymR7NVbPFrgXvfQx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.
- COVIL. *In*: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/covil/>. Acesso em: 15/09/2021.
- ECO, Umberto (org.). **Bruxaria, satanismo, sadismo**. *In*: ECO, Umberto (org.). **História da Feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 202-239.
- FOUCAULT, Michael. Os corpos doces. *In*: FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 161-258. Tradução de Raquel Ramalhe.
- KELLNER, Douglas. **Televisão, propaganda e construção da identidade pós-moderna**. *In*: KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-modernos**. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001. cap. 7, p. 295-334.
- KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2020.
- KOBAYASHI, Eliza. **O que é cultura pop?** 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1528/o-que-e-cultura-pop>. Acesso em: 11 out. 2021.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 235-289.
- NOVAES, Joana de Vilhena. **Com que corpo eu vou?: sociabilidade e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares**. Rio de Janeiro: Puc - Rio: Pallas, 2010. 214 p.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANT'ANNA, D. B. de. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. 184 p.
- SOUZA, Antônio Reginaldo Júnior Sigal de. **Do fundo do mar à terra: Ariel & Úrsula e a representação do feminino em "A Pequena Sereia"**. Orientador: Alexandre Ricardo dos Santos. 2019. 92 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação de licenciatura em artes visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. *E-book*.

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva; GONÇALVES, Josiane Peres. GORDOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR: uma análise histórico-cultural. **Revista Ciências Humanas**, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 1-13, 28 maio 2021. Revista Ciências Humanas. <http://dx.doi.org/10.32813/2179-1120.2021.v14.n1.a701>.

VALENTINO, Serena. **Úrsula**: a história da bruxa da pequena sereia. São Paulo: Universo dos Livros, 2016. 176 p.

VASCONCELLOS, Andréa Cólín. Desenho animado, uma fonte histórica. **Encontros**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 24, p. 112-125, 2015. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/418/353>. Acesso em: 3 jul. 2020.

VASCONCELLOS, Andréa Colin. **Era uma vez... As mulheres na própria história**: Representações do feminino através dos desenhos disney. Orientador: Carina Costa Martins. 2014. 60 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em licenciatura de história) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. *E-book*

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente: da Idade Média ao século XX. Tradução: Marcus Penchel. Petrópolis: Editora Vozes, 2012

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 9. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 490 p.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. Bruxas: figuras de poder. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 256, n. 13, p. 331-341, maio 2005. Quadrimestral.

FILMOGRAFIA

A Pequena Sereia (The Little Mermaid). Direção: Ron Clements e Jonh Musker. Produção: Jonh Musker e Howard Ashman. Walt Disney Pictures, 1989. 82 min, cor.

Alice no País das Maravilhas (Alice in Wonderland). Direção Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Produção Walt Disney Pictures. 1951. 75 min, cor.

Moana: Um mar de aventuras (Moana). Direção: Ron Clements e Jonh Musker. Produção: Jonh Lasseter. Walt Disney Pictures, 2016. 107 min, cor.

Viva: A vida é uma festa (Coco). Direção: Lee Unkrich. Produção: Darla Anderson. Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios. 2017. 105 min, cor.

AGRADECIMENTOS

Ao Universo e aos Espíritos Amigos que me auxiliaram nessa caminhada, sempre com amor e paciência respeitando meu processo de amadurecimento.

À Nossa Senhora Aparecida que intercedeu por mim quando acreditei que não conseguiria concluir essa etapa de minha vida.

À minha família por me apoiar em tantos momentos e acreditar em meu potencial.

À minha mãe Luana que foi minha fortaleza, mesmo com grande distância territorial.

Ao meu pai José Adeilson que me apoiou em minha escolha de cursar história.

Ao meu irmão Pedro Gabriel que sempre teve orgulho de mim.

À minha tia Socorro que incentivou meu sonho e meus estudos desde a minha infância.

À Coordenação do Curso de História da UEPB e aos professores que a compõe, sendo eles, professor Matusalém Alves, a professora Maria de Lourdes Lôpo e a professora Auricélia Lopes.

Aos professores e professoras que me ensinaram e fizeram parte dessa caminhada educacional, em especial as professoras Hilmária Xavier e Deise Silva.

Ao Grupo de Estudos Abayomi, por ser uma luz durante a minha trajetória acadêmica e como ser humano, pois os ensinamentos aprendidos com minhas companheiras me tornaram uma pessoa mais empática as necessidades sociais e culturais.

À professora Alcione por ser um exemplo de pessoa, profissional e sempre me mostrar que a vida deve ser vivida com garra, atitude e bom senso de humor.

À professora Cibelle, por ser uma pessoa incrível, forte, guerreira e sempre disposta a ajudar ao próximo.

À minha orientadora e amiga, professora Ofélia, pois ela me trouxe uma nova maneira de enxergar a vida, como um ambiente mágico e cheio de possibilidades, me ensinando uma importante lição de vida, que mesmo nos momentos em que o Caos estiver presente, a Ordem Cósmica também irá existir.

À minha querida amiga Betânia por me mostrar que a vida deve ser vivida com carisma, dedicação e leveza.

A minha linda Astrid, que nos momentos mais difíceis esteve comigo, como amiga e companheira de vida.

Aos gêmeos Edi e Loli que trouxeram alegria e beleza nesses últimos anos, principalmente durante a pandemia de 2020.

À Vera por ter sido sempre uma amiga, preocupada com o meu bem estar, me fazendo rir em nossas conversas leves.

À Diêgo que me apoiou incondicionalmente nesses últimos dois anos, sempre buscando entender meus momentos difíceis e também os de felicidade.

À Ingridi por ser como uma irmã mais nova, trazendo leveza ao dia a dia.

À Tuane e Adriano, amigos que durante o curso de História trouxeram aprendizados e risadas durante todos os dias.

E a todos que de alguma forma estiveram, durante a minha graduação, presentes na minha vida, direta ou indiretamente, meu muito obrigada.

E a você que por ventura ler meu texto, obrigada, pois aqui está refletido minha verdade como ser humano.